



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB  
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO: JORNALISMO  
PROFESSOR ORIENTADOR: Me. LUIZ CLÁUDIO FERREIRA  
ÁREA: PRODUTO - DOCUMENTÁRIO

LUCAS RODRIGUES MAGALHÃES

**ALÉM DOS TRÊS PONTOS**  
**DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE A HISTÓRIA DO ESPORTE NA CAPITAL**

BRASÍLIA

2013



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS

LUCAS RODRIGUES MAGALHÃES

RA 2100670/1

**ALÉM DOS TRÊS PONTOS**

**DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE A HISTÓRIA DO ESPORTE NA CAPITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.  
Orientador: professor Me. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2013

LUCAS RODRIGUES MAGALHÃES

**ALÉM DOS TRÊS PONTOS**  
**DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE A HISTÓRIA DO ESPORTE NA CAPITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.  
Orientador: professor Me. Luiz Cláudio Ferreira

**Banca Examinadora**

---

Professor Luiz Claudio Ferreira  
Orientador

---

Professor Henrique Moreira  
Examinador

---

Paulo Rossi de Oliveira  
Examinador

BRASÍLIA  
2013

## **DEDICATÓRIA**

**Como não podia deixar de ser, dedico este trabalho primeiramente a meus pais, Luiz Roberto Magalhães e Vivalda Rodrigues Magalhães, por sempre estarem a meu lado e me darem todo o suporte necessário para ter chegado até aqui.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, a causa de tudo o que acontece na minha vida. Em segundo lugar, agradeço à minha família, por ter mostrado valores importantes durante meu crescimento, imprescindíveis nessa fase da minha vida. À minha namorada, Isabelly Vieira, por todo o apoio dado durante o curso, dando forças nos momentos de maior necessidade. Ao meu irmão, Luiz Roberto Magalhães, a quem considero uma referência no jornalismo esportivo, pelos valiosos conselhos de sempre. Aos meus professores, meus sinceros agradecimentos, visto que sem os conhecimentos passados em sala de aula, a realização deste trabalho não seria possível. Para os amigos que fiz durante o curso, agradeço os momentos de felicidade e alegria durante os sete semestres, que fizeram o curso parecer mais curto do que realmente foi e certamente deixarão saudades quando tudo isso tiver chegado ao fim. A todos os entrevistados, pela paciência durante as entrevistas e pelo conhecimento passado, que, sem dúvida, será levado por toda a minha vida. Por último, mas não menos importante, agradeço ao professor Luiz Claudio Ferreira, pelas infindáveis horas dedicadas a me ensinar e orientar a presente pesquisa, as piadas e a diversão aliada ao conhecimento, nas aulas ministradas por ele, de uma forma que só ele sabe fazer.

## RESUMO

Este memorial tem o objetivo de registrar o caminho da produção do vídeo “Lance livre na Capital”, feito como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de jornalismo do UniCEUB. O presente texto trata dos pensamentos e as motivações que levaram ao resultado. O tema do basquetebol em Brasília surgiu no momento em que o esporte é mais popular do que em qualquer outro momento, com os três títulos do time da capital federal. No entanto, nem sempre foi assim. A partir da inauguração de Brasília, em 1960, o esporte era basicamente uma forma de lazer ou praticado apenas a nível escolar. Foi escolhido o formato do vídeo por ser a opção que traria maiores possibilidades de multiplicar o conteúdo. Imagens de partidas do Novo Basquete Brasil foram gravadas, para que se pudesse fazer um contraponto entre a popularidade e a estrutura do basquete brasiliense no começo, ainda na década de 1960 e anos depois, com o esporte já consolidado no cotidiano do morador do Distrito Federal.

### **Palavras-chave:**

Basquete, Brasília, NBB, documentário

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Conceitos iniciais.....	9
1.2 Justificativa.....	10
1.3 Jornalismo esportivo.....	11
1.4 O jornalismo como prestação de serviço.....	19
1.5 O esporte no telejornalismo, 12	
1.6 Entrevista, 13	
1.7 A entrevista em vídeo, 14	
1.8 “No garrafão”: a labuta da apuração, 16	
1.9 Documentário, 17	
1.9.1 Tipos de documentário, 18	
2 Conclusão, 20	
2.1 Referências bibliográficas, 21	
3 Anexos, 22	

## 1. INTRODUÇÃO

Brasília, antes de 1960. Os candangos (trabalhadores da construção da nova capital) ocupam horas de lazer jogando futebol em campos improvisados em meio ao terraço. Nenhum sinal ou registro, nessa época, da prática de algum outro esporte coletivo. Como nas outras cidades, a capital estaria destinada a ser mais um reduto do futebol. Mas não foi. Brasília, 2002. Em uma cidade cujo cenário esportivo não atrai os olhos do público, exceto por lampejos de importância do futebol, como com o Brasiliense alcançando uma inédita final da Copa do Brasil (em 2002), perdendo o título para o Corinthians, surge o Universo/Brasília. Ainda com um investimento modesto, mas com planos de conquistar o coração do brasiliense a médio e longo prazo, a equipe disputa torneios locais, sem lograr muito êxito. Em 2004, após disputa de torneios classificatórios, o Universo/BRB/Brasília chega ao Nacional de Basquete e faz campanha modesta, ficando em 13º lugar entre os 16 times que disputaram o campeonato. No ano seguinte, o único representante de Brasília no maior torneio de clubes do basquete brasileiro melhora sensivelmente sua posição na tabela de classificação, terminando o campeonato na 4ª posição, ficando atrás apenas do Telemar (RJ), que ficou com o título daquela edição do torneio.

Daí em diante, a trajetória de sucesso do Universo/BRB/Brasília se manteve na ascendente. Em 2007, no ano em que o time chegou pela primeira vez ao título nacional de basquete, um jogo em especial chamou a atenção de todos na cidade: o duelo contra o Flamengo, disputado no dia 1º de maio daquele ano e que reuniu mais de 20 mil pessoas no ginásio Nilson Nelson e que marcou de vez uma nova era no basquete brasiliense e brasileiro, visto que, até o momento da conclusão desta pesquisa, nenhuma outra partida oficial da modalidade superou o público do histórico jogo entre Universo/BRB/Brasília e Flamengo.

Na última década, a popularidade e as consecutivas conquistas do agora UniCEUB/BRB/Brasília (o time mudou de patrocinador no ano de 2010 e, conseqüentemente mudou de nome), fizeram com que o basquete estivesse sempre na mídia, seja ela nos jornais, no rádio ou na televisão. No entanto, pouco se sabe da história do basquete na cidade que revelou grandes nomes da modalidade como Oscar Schmidt, brasileiro que figura no Hall da

Fama do Basquete, localizado na cidade norte-americana de Springfield, junto com outros craques do esporte como Michael Jordan e Kareem Abdul-Jabbar.

Durante muito tempo, o basquete brasileiro ficou conhecido como polo exportador de jogadores para outras cidades do Brasil e até para outros países, mas o sucesso recente do UniCEUB/BRB/Brasília vem ajudando essa realidade a mudar. Pouco a pouco, jogadores consagrados em outras cidades chegam à capital federal buscando fazer parte da história do time que em pouco tempo de existência conquistou diversos títulos nacionais e internacionais no basquete.

Mas como era o basquete logo após a construção de Brasília em 1960? Quem praticava o esporte e onde era possível jogar basquete? Buscar as respostas para estes e outros questionamentos foi o grande objetivo da presente pesquisa. Entrevistando personagens de diferentes épocas, buscou-se trazer à tona fatos importantes e histórias curiosas que ajudassem a entender que percurso o basquete percorreu em Brasília até chegar ao nível em que se encontra, lotando ginásios a cada jogo e com os jogadores adquirindo status de heróis da cidade por onde passam.

## 1.1 Conceitos iniciais

Basquetebol, ou simplesmente basquete, foi um esporte criado pelo professor canadense James Naismith, no ano de 1891 como alternativa para seus alunos da Associação Cristã de Moços que, durante o rígido inverno da cidade de Springfield, no estado de Massachussets, nos Estados Unidos, não podiam praticar atividades ao ar livre, devido à neve que obrigou as quadras externas a serem interditadas. Na ocasião, o professor Naismith usou cestos utilizados na colheita de pêssegos e que foram pendurados a 10 pés de altura, o equivalente a aproximadamente 3,05m de altura, altura que se mantém até hoje em campeonatos oficiais mundo afora.

Em seu livro, o Almanaque do Melhor Basquete do Mundo, o autor Michael Boop conta que caminhos o basquete trilhou para se popularizar no restante do planeta. “O esporte foi levado para a Europa em 1893, e em 1936, um ano depois de ser criada a Federação Internacional de Basquete (FIBA), o esporte teve sua estreia nos Jogos Olímpicos, em Berlim. Aliás, foi próprio Naismith quem lançou a bola ao alto no primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas. No entanto, o esporte só ficou mais popular mesmo nos países europeus durante a Segunda Guerra Mundial, com a chegada das tropas norte-americanas.” (BOOP, Michael. São Paulo: Editora Panda, 2004, p.10).

No Brasil, o basquete chegou através do norte-americano Augusto Shaw, que primeiramente introduziu a prática do basquete na Associação Atlética Mackenzie, da cidade de São Paulo, em 1896. Já em Brasília, o primeiro campeonato oficial de basquete aconteceu em 1963, apenas três anos depois da inauguração da nova capital do Brasil, ocorrida em 1960. Os autores Luiz Roberto Magalhães e Paulo Rossi contam, no livro Ponto de Partida, como foram divididas as equipes e quem foram os respectivos técnicos daquele que é considerado o primeiro Campeonato Brasiliense de Basquete. “Ainda em 1963, a Federação Brasiliense de Basquete organizou o primeiro campeonato oficial da cidade. Pedro Rodrigues assumiu o time da AABB, Geraldo da Conceição, outra figura de grande importância para o basquete candango, comandou a equipe do Fluminense (que mais tarde se transformaria na equipe do Iate Clube) e José Alves, o Zezão, também referência no mundo das cestas da capital, tratou de treinar o Clube Unidade Vizinhança. Era o início de uma história que, cinco décadas depois, levaria a cidade ao topo do cenário nacional primeiro com o time do Universo e,

atualmente, com o UniCEUB/BRB, que se tornou a principal equipe esportiva da capital da República e um fenômeno de popularidade capaz de lotar, em várias ocasiões, o Ginásio Nilson Nelson.”. (MAGALHÃES, Luiz Roberto e ROSSI, Paulo. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012, p. 68).

## **1.2 Justificativa**

Por ser praticante da modalidade há quase dez anos e por também ter acompanhado de perto a trajetória do UniCEUB/BRB/Brasília desde a sua primeira aparição no Nacional de Basquete em 2004, o pesquisador decidiu se aprofundar nos estudos da história do basquete em Brasília para entender melhor de que forma o basquete era ensinado na capital federal nas décadas que antecederam o sucesso do time a partir do ano de 2007.

O sucesso do UniCEUB/BRB/Brasília na década da realização da presente pesquisa fez com que o time fosse assunto recorrente nas páginas de jornal e programas esportivos. A conquista de títulos tanto no cenário nacional como em outros países fez com que o interesse sobre o basquete fosse amplificado a níveis nunca antes visto em nenhuma outra equipe de esporte coletivo de Brasília.

Mesmo assim, pouco se fala sobre a história do esporte na capital federal, apesar da cidade ter revelado grandes nomes da modalidade como Oscar Schmidt, sem dúvida o maior jogador de basquete do Brasil e Pipoka, único brasiliense a atuar na NBA, a liga norte-americana de basquete, conhecida por ser o mais forte e popular campeonato de basquete do mundo.

Procurando por personagens que fizeram parte da história do basquete em Brasília, foi possível não só perceber que os pioneiros da modalidade têm grande parcela do sucesso do basquete na capital federal, mas continuam a fazer parte do esporte de forma ativa, como Pedro Rodrigues, um dos pioneiros do basquete em Brasília e que fez parte do início do projeto do Universo/Brasília, além de continuar a acompanhar o esporte de perto, indo a jogos e treinos das equipes, sempre visando adquirir mais conhecimento sobre o basquete.

### **1.3 Jornalismo esportivo**

O jornalismo esportivo trata de uma das paixões do ser humano: o esporte. A necessidade de competição é inerente a praticamente todos os habitantes do planeta Terra e o jornalismo esportivo existe para informar o leitor ou telespectador sobre o que acontece no mundo esportivo, não necessariamente sem clubismos ou paixão, mas sempre trazendo o que há de importante no cenário esportivo. Para o jornalista Paulo Vinícius Coelho, autor do livro intitulado *Jornalismo Esportivo*, a principal função do jornalista é informar. “Jornalismo é notícia. Ela é a razão de ser do jornalista. E do jornalismo. Construída com inteligência, com conhecimento do assunto, com encadeamento de ideias, coisas que exigem bons profissionais”. (COELHO, Paulo Vinicius: 2011, p. 48).

### **1.4 O jornalismo esportivo como prestação de serviço**

Por se tratar de uma área do jornalismo que atrai a atenção de um público específico, o jornalismo esportivo é comumente visto como área de pouca importância para a outra parte do público, que se interessa por editoriais como cidades, política e economia. No entanto, essa visão, de menosprezar o trabalho do jornalista esportivo é vista como errônea para Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel. Em seu manual de jornalismo esportivo, o jornalista critica a visão de quem diminui a importância das matérias esportivas e iguala o jornalismo esportivo às demais áreas do jornalismo. “Quando falamos em jornalismo de serviço, é comum ouvirmos jornalismo a serviço da saúde, da ciência, do cidadão. E onde fica o jornalismo a serviço do esporte? Deveria estar norteando toda a cobertura esportiva, seja ela em que veículo for. A prestação de serviço deve ter a mesma qualidade, seriedade, exatidão e credibilidade de qualquer matéria. Não pode ser considerada reportagem de menor importância.” (BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. Contexto, 2011. P. 60). Ainda sobre o assunto, Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel acreditam

que o jornal deve sempre pensar em seus leitores e dar notícias que mexam com a rotina do cidadão. “O jornal deve se colocar a serviço dos leitores. Valem as notícias que afetam o cotidiano das pessoas.” (BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia: 2011, p. 122). Pode-se dizer que o telejornalismo é uma das formas de jornalismo de maior alcance atualmente. Não é raro vermos diversos telejornais indo ao ar diariamente, seja na TV aberta ou na TV a cabo. Os telejornais assumem parte importante na informação do telespectador, visto que esse tipo de programa conquistou seu espaço na programação dos canais há vários anos, brigando pela liderança da audiência em seus canais, rivalizando até mesmo com as telenovelas, outro trunfo de sucesso na TV brasileira, no quesito audiência.

### **1.5 O esporte no telejornalismo**

É possível dizer que grande parte das notícias esportivas não existiriam sem o apoio do telejornalismo. Apesar do grande esforço das rádios e das mídias impressas em noticiarem o que acontece nos gramados e quadras pelo mundo, é do telejornalismo que saem, em muitas das vezes, as grandes matérias sobre o esporte. Além de poder elaborar mais as suas matérias, o telejornalismo esportivo também tem papel fundamental nas transmissões esportivas, visto que um jogo de futebol transmitido ao vivo pela TV tem muito recursos visuais, como o chamado tira-teima, onde um lance duvidoso é analisado por diversos ângulos e sana dúvidas sobre se a bola entrou ou não entrou ou se o jogador que marcou o gol estava ou não impedido.

Esse tipo de recurso acaba pautando a cobertura de outros veículos, uma vez que lances polêmicos são corriqueiros durante uma partida de futebol e é graças aos recursos da televisão que é possível que no dia seguinte os jornais, tanto de rádio, quanto impressos, possam levar ao ouvinte a informação correta não só sobre o lance que gerou dúvida, mas também sobre o restante do jogo. Apesar da emoção que o esporte traz, é importante para o profissional saber diferenciar a paixão da razão. Em seu manual de telejornalismo, os autores Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima falam sobre o assunto, alertando o profissional do jornalismo esportivo que não se pode confundir paixão com razão. “Costuma-se dizer que não há boa cobertura esportiva sem emoção, mas o jornalista não pode se deixar levar por ela. O exagero é um passo para a desinformação. A rapidez dos acontecimentos no esporte exige do jornalista a improvisação constante, mas as informações não podem ser recheadas de metáforas,

erroneamente confundidas com estilo.” (BARBEIRO, Heródoto e DE LIMA, Paulo Rodolfo: 2002, p. 107).

Ainda sobre as transmissões ao vivo, os autores Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, ainda em seu manual de telejornalismo, mostram a importância do repórter, que assume papel fundamental na transmissão, dando detalhes que estão fora do alcance das câmeras. Os detalhes dados pelos repórteres de campo ou quadra, também ajudam a pautar a cobertura dos demais veículos, já que em muitos casos é o repórter posicionado dentro do campo ou da quadra o primeiro a ver, por exemplo, uma briga entre torcedores na arquibancada do estádio ou do ginásio. Esse tipo de acontecimento- a briga entre torcedores- pode mudar completamente o foco da cobertura de um profissional e é aí que surge a importância do repórter de campo, de ver detalhes que o torcedor comum não observa e de conseguir captar acontecimentos antes mesmo das câmeras de transmissão da partida, cujo foco principal é mostrar o que acontece dentro do campo ou da quadra de jogo. “Nas transmissões ao vivo, o repórter deve estar ainda bem mais preparado para acrescentar informações que fogem do alcance das telas. Seja em campo ou em quadra, o repórter deve ser um observador atento, sempre pronto para acrescentar informações que fogem ao alcance das câmeras, tarefa cada vez mais difícil se levarmos em conta a estrutura montada hoje em dia pelas emissoras de TV.” (BARBEIRO, Heródoto e DE LIMA, Paulo Rodolfo. Campus Elsevier, 2002, p. 107-108.)

É comum ouvirmos de torcedores e outros profissionais que certo narrador ou comentarista é “clubista”, gíria que denota que o profissional tende a falar bem de um determinado time. Como um dos pilares do jornalismo é a imparcialidade, no jornalismo esportivo não poderia ser diferente. Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, em seu manual de telejornalismo, explicam que o jornalista não pode ser tendencioso em suas narrações ou comentários. “Os comentários devem se prender aos fatos e não agradar a esta ou aquela torcida. Há comentaristas que analisam o jogo apenas do ponto de vista do time da casa, do time mais famosos, de maior torcida, esquecendo-se de que em uma partida existem duas equipes, cada uma com sua disposição tática e peculiaridade que podem explicar determinadas situações dentro de campo.” (BARBEIRO, Heródoto e DE LIMA, Paulo Rodolfo. 2002, p. 109.)

## **1.6 Entrevista**

Um documentário não pode existir sem entrevistas, sem os personagens que nos transportam e recontam histórias. Em seu livro *A Reportagem*, o autor Nilson Lage ressalta a entrevista como sendo um processo clássico de apuração de informação do jornalismo. “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão de consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos.” (LAGE, Nilson. 2001, p. 73.)

Ainda sobre a entrevista, Lage aponta diversas modalidades de entrevista. Desta forma, é possível dizer que as entrevistas do presente documentário são do tipo testemunhal, que, segundo Lage, “trata-se do relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou assistiu. A reconstituição do evento é feita aí, do ponto de vista particular do entrevistado, que, usualmente, acrescenta suas próprias interpretações.” (LAGE, Nilson. 2001, p. 75.)

Além da entrevista testemunhal, o documentário conta ainda com entrevistas focadas em temas específicos da história do basquete em Brasília. Neste caso, para Nilson Lage, entra em cena a entrevista temática, onde o autor define como a entrevista que “aborda um tema, sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições de e autoridade para discorrer. Geralmente consiste na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos.” (LAGE, Nilson. 2001, p. 74.)

### **1.7 A entrevista em vídeo**

A entrevista em vídeo traz àquele que a assiste impressões que não se pode ter no jornal impresso ou em revistas, mas que se pode ter noção em uma caso de uma entrevista radiofônica, uma vez que o entrevistado pode, por exemplo, aumentar o tom de voz caso se exalte ou até mesmo diminuir o tom de voz caso se sinta acuado, reações que são percebíveis ao ouvinte. Referindo-se exclusivamente à entrevistas para a televisão, em um sentido que

pode se estender também ao documentário, os autores Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima afirmam que as reações do entrevistado podem sim ser uma chave para aquilo que o entrevistador quer saber, além de ressaltar o que uma entrevista precisa ter para ser considerada para ser considerada uma boa entrevista.

“A entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade do entrevistado. Os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir, a mudança no semblante influenciam o telespectador. Esses maneirismos também mudam a ação do entrevistador, que na medida em que adquire experiência consegue tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer. Boas entrevistas são as que revelam conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões. Quando isso acontece a notícia avança e abre espaço para novas entrevistas e reportagens.” (BARBEIRO, Heródoto e DE LIMA, Paulo Rodolfo. 2002, p. 84.)

Para que uma entrevista seja bem-sucedida, é preciso que haja uma preparação prévia. O jornalista precisa levar em consideração fatores importantes para que a entrevista não perca o cunho informativo, de esclarecer um acontecimento ou revelar novos conhecimentos, e vá para o lado da autopromoção do entrevistado. Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima discorrem sobre o assunto, em seu manual de telejornalismo. “A entrevista deve ter começo, meio e fim. Planeje o tempo disponível, informe-se sobre o que vai perguntar. A falta de preparo pode dar ao entrevistado a chance de transformar a entrevista em palanque, púlpito ou algo semelhante.” (BARBEIRO e DE LIMA: 2002, p. 84.)

## **1.8 “No garrafão”: a labuta da apuração**

Depois de marcadas as entrevistas, a fase de gravações teve início com a conversa com Pedro Rodrigues, um dos primeiros treinadores de basquete de Brasília. Para essa, e todas as demais entrevistas mostradas no documentário, foi utilizada uma filmadora Sony Handycam, de forma que todos os arquivos fossem gravados digitalmente. A facilidade de se portar uma câmera de mão em vez de uma câmera profissional foi levada em consideração por se tratar de um produto experimental.

Além da entrevista com Pedro Rodrigues, outros personagens importantes foram entrevistados diversos personagens, entre jogadores, ex-jogadores e técnicos, que sempre se mostraram solícitos em responder a todos os questionamentos de forma clara, sem deixar nenhuma dúvida, enriquecendo de forma sensível o documentário.

Todas as imagens de partidas deste documentário também foram filmadas pelo pesquisador, que foi a partidas do UniCEUB/BRB/Brasília na temporada 2012/2013 do Novo Basquete Brasil para colher o material.

Em todo o processo de edição do documentário, a aposta em salvar as imagens em locais diferentes se mostrou acertada, principalmente no uso dos discos rígidos externos, visto que o transporte deste material coletado até o local da edição ficou simplificado.

Durante todo o processo de entrevistas e captura de imagens de partidas, não houve qualquer incidente ou imprevisto que pudesse prejudicar o andamento das filmagens. Todas as entrevistas do presente documentário foram gravadas em ambientes que remetessem ao basquete, à exceção de uma, de Pedro Rodrigues, visto que o deslocamento até uma quadra de basquete ou algo próximo se tornou inviável a pedido do entrevistado. Essa medida foi adotada para que quem acompanhasse o documentário posteriormente também pudesse se sentir inserido em todo o contexto que envolve o esporte, os detalhes da cesta, as marcações e cores das quadras.

## **1.9 Documentário**

De acordo com Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao Documentário*, existem dois tipos de documentários: de satisfação de desejo e de representação social. Os documentários de satisfação de desejos são os que normalmente chamamos de ficção. Esses filmes expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores. Tornam concretos- visíveis e audíveis- os frutos da imaginação.

Expressam aquilo que desejamos, ou tememos, que a realidade possa vir a ser. Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar. Oferecem-nos mundos a serem explorados e contemplados; ou podemos simplesmente nos deliciar com o prazer de passar do mundo que nos cerca para esses outros mundos de possibilidades infinitas. Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível,

de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos.

Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos.” (NICHOLS, Bill. Campinas, SP: Papyrus, 2005, p. 26-27). Nichols trata ainda sobre a importância do documentário, afirmando que o gênero ajuda o cidadão a abrir os olhos para questões importantes. “Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essa visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social.” (NICHOLS: 2005, p.27)

### **1.9.1 Tipos de documentário**

Posteriormente em seu livro *Introdução ao Documentário*, Bill Nichols acrescenta ainda outros tipos de documentário existentes. De forma detalhada, o autor explica as diferenças entre cada um dos tipos de documentário, além de deixar claras as diferenças no modo de construção de cada um dos tipos. O primeiro tipo de documentário abordado por Nichols é o chamado modo poético. Nichols ressalta que o modo poético é “particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações

diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam solução.” (NICHOLS, Bill. 2005, p. 138)

O modo expositivo é diferente do modo poético. De acordo com Nichols, “os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham um papel secundário.” (NICHOLS: 2005, p. 143.)

Já o modo observativo difere dos demais por não se basear apenas em filmar pessoas para fazer com que padrões e argumentos fossem criados. Sendo assim, Nichols afirma que “o modo observativo propõe uma série de considerações éticas que incluem o ato de observar os outros ocupando os seus afazeres.” (NICHOLS: 2005, p. 148)

O modo participativo, por sua vez, é o oposto do modo observativo, uma vez que faz com que o documentarista vá a campo atrás das informações que precisa. Desta forma, as opiniões e os argumentos do documentaristas ficam ainda mais claros para quem assiste ao filme e as entrevistas desempenham um papel de trazer variedade de assuntos ao filme.

No modo reflexivo, ocorre o que o autor chama de negociação entre cineasta e espectador, que, na verdade, se torna o foco de atenção do filme. “Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, nós agora acompanharemos o relacionamento do cineasta falando conosco, falando não só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação.” (NICHOLS: 2005, p. 162).

O último tipo de documentário detalhado por Nichols em Introdução ao Documentário é o modo performático. Neste tipo, Nichols afirma que a sensibilidade do cineasta, de certa forma, estimule a sensibilidade do espectador. “Esses filmes nos envolvem menos com ordens ou imperativos retóricos do que com uma sensação relacionada com sua nítida sensibilidade. A sensibilidade do cineasta busca estimular a nossa.” (NICHOLS: 2005, p. 171)

## 2 CONCLUSÃO

Na visão do pesquisador, a escolha pela realização de um documentário se mostrou a mais apropriada para trazer à tona a história do basquete em Brasília porque seria possível a mescla entre materiais antigos como fotos, recortes de jornal e cartazes, além das entrevistas de ícones do passado do esporte na capital, a fatos novos, como as entrevistas de ídolos do presente do basquete brasileiro, além de imagens de jogos atuais, que mostram como a semente do esporte, plantada logo após a inauguração de Brasília germinou e deu frutos, como é possível ver nos jogos do UniCEUB/BRB/Brasília, que têm lotação esgotada em praticamente todas as partidas.

A forma com que os entrevistados deram seus relatos, principalmente os que marcaram época no passado do basquete brasileiro, dividindo os acontecimentos década a década, fez com que se pudesse entender de forma mais precisa como ocorreu a progressão de popularidade e importância do basquete na capital federal. Dessa forma, foi possível compreender como Brasília, que durante anos ganhou o rótulo de cidade exportadora de ídolos, como foi o caso de Oscar Schmidt, Pipoka e Arthur, para passar a ser um local onde os grandes jogadores de outros estados, vide exemplos de Alex Garcia e Guilherme Giovannoni, ambos atletas com passagem pelo basquete estrangeiro e que escolheram jogar em Brasília não só pela comodidade da cidade, onde tudo é relativamente perto e fácil de se localizar, mas também pela invejável estrutura do UniCEUB/BRB/Brasília ao seus membros.

Pesquisar de forma aprofundada a história do basquete em Brasília não foi tarefa simples. Mesmo assim, a cada entrevista realizada a sensação de estar chegando cada vez mais próximo do objetivo era um fator motivador.

Desta forma, o que começou de uma forma complicada, mas prazerosa, devido à indisponibilidade de alguns entrevistados em datas específicas, terminou de forma ainda melhor, visto que os resultados apresentados com a pesquisa foram satisfatórios, com os assuntos abordados sendo tratados por todos os entrevistados e as dúvidas surgidas antes do início da pesquisa sendo sanadas, fazendo com que os objetivos da pesquisa tenham sido alcançados integralmente.

## 2.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto e DE LIMA, Paulo Rodolfo. *Manual de telejornalismo- Os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2012.

BOOP, Michael. *Almanaque do melhor basquete do mundo*. São Paulo: Editora Panda, 2004.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

LAGE, Nilson. *A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGALHÃES, Luiz Roberto e ROSSI, Paulo. *Ponto de partida*. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus Editora, 2007.

PATERNOSTRO, Vera Iris. *O texto na TV – manual de telejornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

### 3 ANEXOS

Abertura: sobe som (Wrecks- Legacy)

Imagens de treino e de jogo do UniCEUB

Loc 1:

Nos últimos anos, uma verdadeira revolução tomou conta do esporte de Brasília e transformou a capital em referência em todo o país. Um time nascido como Universo, em 2002, tornou-se campeão brasileiro em 2007 e, a partir de então, a capital passou a dar as cartas no basquete nacional. A equipe, hoje conhecida como UniCeub/BRB, chegou, após o triunfo em 2007, a todas as decisões dos campeonatos brasileiros até 2012 e conquistou, nesse período, mais três títulos nacionais, tornando-se, assim, o time mais vencedor da atualidade.

Imagem: uma quadra vazia de basquete com uma bola rolando (pode ser no Parque da Cidade)

Loc 2:

Mas nem sempre foi assim... E para que Brasília pudesse chegar ao posto de capital do basquete brasileiro, um longo caminho teve que ser trilhado.

Imagem: Colégio Caseb

Loc 3:

Foi aqui, no Colégio Caseb, na 910 Sul, que a história do basquete brasiliense, assim como a da maioria das modalidades que se desenvolveram na capital, começou, no início da década de 1960.

Imagem: Pedro Rodrigues

Loc 4:

Aos xx anos, o mineiro Pedro Rodrigues pode ser considerado um dos pais do basquete na capital. Professor de educação física, Pedro desembarcou em Brasília para dar aulas no Caseb e, ali, deu início, acompanhado de outros professores, à tarefa de garimpar atletas para as diversas modalidades que aos poucos seriam desenvolvidas na cidade que acabava de nascer.

Imagem: entrevista de Pedro Rodrigues falando sobre esse período.

Cobrir com fotos da época, de acordo com o que o Pedro for falando.

Imagens: Clube Vizinhança

Loc 5:

Do Caseb, o basquete em Brasília, aos poucos, disseminou-se pelos clubes da cidade em um processo que atravessou as décadas de 1960 e 1970. E foi aqui, no Clube Vizinhança,

no fim dos anos de 70, que a capital viu nascer um dos gênios da cesta. Um jogador especial, cuja carreira seria repleta de sucesso no Brasil e no exterior e que escreveria seu nome na história como um dos atletas mais especiais que a modalidade já produziu.

Imagens de Oscar Schmidt

Loc 6:

Nascido em Natal, Oscar começou a jogar basquete quando era adolescente, em Brasília, para onde sua família havia se mudado. No Vizinhança, sob os cuidados dos técnicos Zezão, já falecido, e Laurindo Miura, Oscar desenvolveu seu incrível talento por meio de muito treino e dedicação.

Imagens: mais lances de Oscar e da final do Pan de 1987

Oscar tornou-se o maior jogador que o basquete nacional já produziu. Dono de incontáveis títulos, entre eles o histórico triunfo nos Jogos Pan-Americanos de Indianapolis, em 1987, quando a Seleção Brasileira derrotou, na casa dos rivais, os Estados Unidos na decisão, que é considerada até hoje uma das vitórias mais memoráveis da história do basquete mundial, o ex-atleta conta ainda com um recorde em pontos: 49.703, que fazem do “Mão Santa” o maior pontuador da história do basquete.

Imagens de Pipoka

Loc 7:

Entretanto, Oscar não foi o único grande atleta que a cidade produziu. Hoje com 49 anos, João Jose Vianna, mais conhecido como Pipoka, não só fez parte da magnífica conquista em Indianapolis, como também trilhou seu caminho até a NBA, a mais poderosa e prestigiada liga de basquete do planeta.

Imagens: entrevista com Pipoka

Imagens: Jogos entre APCEF e Gama

Loc 8:

Apos o surgimento de Oscar e Pipoka, as décadas de 1980 e 1990 foram de pouco movimento no basquete brasiliense. Mas isso mudou com a chegada do ano 2000. Nesse período, dois times da cidade, o da Sociedade Esportiva do Gama e a APCEF, resgataram o interesse pelo campeonato brasiliense e travaram grandes e inflamados duelos, abrindo as portas para o surgimento do time do Universo, que revolucionaria o esporte local.

Entrevista: Ronaldo Pacheco

Entrevista: Lula Guerreiro

Imagens: Universo

Loc 9:

Com a fundação do Universo, em 2002, o basquete de Brasília entrou em sua principal fase. O título de 2007 e as conquistas de 2010, 2011 e 2012 transformaram a equipe na principal atração do esporte da capital. E hoje, os atletas do UniCEUB são reverenciados como heróis na cidade.

Imagens: Alex

Loc 10:

Capitão do UniCEUB e um dos maiores jogadores do time, o ala Alex esteve presente na conquista de todos os quatro títulos nacionais e fala com conhecimento de causa sobre a revolução ocorrida no basquete brasiliense nos últimos anos.

Entrevista Alex

Imagens Arthur

Quem também esteve presente em todas as comemorações dos triunfos do Universo e do UniCEUB foi o ala Arthur. E, no caso dele, a ligação com o sucesso da equipe é ainda mais especial por um motivo simples:

Entrevista Arthur

Imagens Rossi

Loc 11:

Além de Arthur, outro brasiliense, o também ala Rossi, fez parte do grupo que conquistou os quatro títulos brasileiros. E, como seu companheiro de time, sente-se honrado por ter feito parte de um capítulo tão especial do esporte da capital.

Entrevista Rossi

Imagens: Derrota do UniCEUB para o São Jose

Loc 12:

Em 2013, após ter chegado a seis finais seguidas do campeonato brasileiro, o UniCEUB não avançou até a decisão. Uma derrota para o São José, em casa, no último jogo do duelo das quartas de final, eliminou o então tricampeão do Novo Basquete Brasil, o NBB, como o torneio nacional passou a ser chamado a partir de 2009.

Entretanto, o tropeço não é motivo para desespero. A base do time foi mantida e, para a próxima temporada, o UniCeub/BRB, mais uma vez, entra no torneio como um dos favoritos.

Agora com um novo técnico, o argentino Sergio Hernandez, o time do UniCeub/BRB tentará manter a trajetória de sucesso que transformou Brasília na capital do basquete nacional.

Entrevista Sergio Hernandez.

Sobe som: Cheapfiction- Treat Yourself

Imagens dos personagens do documentário.